

Um Diálogo sobre Porcelanas Chinesas entre Fr. Bartolomeu dos Mártires e o Papa Pio IV

Ivo Carneiro de Sousa*



Quando se frequenta com alguma atenção a belíssima obra monumental de João Baptista Lavanha *Viage de la Catholica Real Magestad de Rei D. Filipe III N. S. al reino de Portugal y Relación del solene recebimiento que él se le hizo*¹ – trabalho esmeradamente publicado em Madrid, em 1622 – surpreende a cuidadosa descrição do amplo investimento social e cultural nessa vibrante arte efémera barroca com que o monarca de Portugal vindo de Espanha foi solenemente recebido numa capital do reino que reivindicava a sua paternal presença. Entre vários *Té Deums*, touradas, festivais populares e celebrações muitas destacavam-se na recriada paisagem urbana lisboeta os 14 arcos triunfais alegóricos financiados pelas mais diversas entidades públicas e privadas, com especial destaque para as diferentes associações de profissões corporativas.² O cuidadoso e entusiasmado texto do cronista, matemático e cartógrafo que era Lavanha aparece completado por

um conjunto excepcional de imagens realizado por Juan Schorquen, um gravador flamengo que trabalhou na capital espanhola entre 1618 e 1630. Para além de gravuras de edifícios históricos de Lisboa, a colecção de pormenorizadas imagens era dominada pela minuciosa reprodução dos arcos alegóricos que trataram de acolher triunfalmente Filipe III e o seu filho, o príncipe das Astúrias, futuro Filipe IV. No belíssimo arco erguido e pago pela activa organização dos oleiros da cidade para impressionar o monarca exibia-se significativamente uma grande carraca portuguesa a descarregar porcelana chinesa no porto de Lisboa, acompanhada por outras embarcações que tratavam de carregar imitações desses famosos produtos chineses com destino aos vários portos do Norte da Europa. Uma legenda também ela “triumfante” cantava em latim a circulação mercantil lusa “nas diferentes partes do mundo”, enquanto uma figura alegórica oferecia a Filipe III um grande vaso apresentado como “porcelana”, explicando-se ao rei que “aqui, muito graciosa Majestade, oferecemo-vos a arte original do reino Lusitano que a China nos vendeu a preços muito elevados!”³ Sabemos, infelizmente, muito pouco sobre estes esforços de artesãos e corporações portuguesas na produção de imitações de porcelana

* Historiador. Vice-reitor para a Investigação e Relações Internacionais da Universidade de São José, Macau.

Historian. Vice-Rector for Research and International Relations at the University of St. Joseph, Macao.

DIÁLOGO INTER-ARTES E MACAU

chinesa, encontrando-nos ainda menos informados sobre o seu impacto comercial nos meios europeus que, nestas décadas iniciais do século XVII, se haviam já habituado a multiplicar os investimentos de aparato na importação de muitos milhares de peças vindas da China com larga intermediação do comércio oriental animado também pelos mercadores lusos. Em rigor, estas lusitanas imitações da cuidada porcelana Ming pouco sobreviveram e praticamente não se instalaram nas grandes casas e museus europeus, situação sugerindo o seu evidente fracasso comercial.

É mesmo possível que Filipe III não se tenha completamente surpreendido com essas representações de porcelana vinda da longínqua China e com as suas ibéricas imitações. O seu pai, o grande Filipe II (“primeiro” de Portugal como nos ensinavam os antigos manuais escolares de História de Portugal...), tinha sido um prolixo colecionador de porcelana chinesa, reunindo um repertório de quase duas mil esmeradas peças, somando a várias dezenas de presentes oferecidos por personalidades lusas – vice-reis do chamado “Estado Português da Índia” à cabeça – as suas próprias encomendas sínicas, vazando em belíssimos pratos Ming o seu braço de grande monarca de um império em que o sol nunca dormia. Paralelamente, os oleiros de Talavera, próximo de Madrid, haviam também produzido grandes quantidades de telhas azuis e brancas que, tentando imitar os padrões da porcelana chinesa,

viriam a decorar o grande Escorial. Tratava-se, aliás, de uma prática decorativa que tinha sido já experimentada em várias igrejas lisboetas, disseminando-se igualmente pelos edifícios eclesiásticos e regiões abundante porcelana chinesa que, apenas no caso do Palácio de Santos, chegava às muitas centenas de peças. Depois, as ibéricas aproximações à rica porcelana chinesa haveriam mesmo de se instalar entre os oleiros de Málaga, produzindo rústicas imitações em que a superfície de barro recebia um esmalte estanífero decorado com motivos vindos das peças Ming.⁴

Parece ainda conveniente acrescentar que, ao contrário do sugerido por muitos dos títulos de cronística e parenética lusa da segunda metade do século XVII para justificar a Restauração, desde 1640, tanto Filipe III quanto Filipe II foram entusiasticamente recebidos e apoiados pela maioria dos portugueses de todos os grupos sociais, esperando dos monarcas vindos de Espanha a salvação para um reino que enfrentava problemas económicos e sociais mais do que graves, incluindo uma inexorável contracção das posições portuguesas nos espaços dos tratos asiáticos, sucessivamente ocupados pela concorrência da poderosa Companhia Holandesa das Índias Orientais – a célebre VOC –, de Malaca a Cochim, passando pela Indonésia Oriental.

Recorde-se que o apoio a Filipe II entre a nobreza e o alto clero portugueses mobilizou mesmo uma adesão intelectual entre o literário e o ensaio importante, para além de uma progressiva adopção do castelhano como língua de produção culta e sociabilidade cortesã. Entre tantos outros, não se deixe de recordar a grandiloquente prosa de um autor religioso e espiritual tão importante como Fr. Amador Arrais, estampando nos seus célebres *Diálogos*, de 1589, uma elogiosa apresentação de Filipe II enquanto “potentíssimo rei católico”, “devotíssimo da verdadeira religião”, um monarca universal capaz de mobilizar “ante seus olhos a plenária conversão da gentildade das parte Orientais e Ocidentais”.⁵ O alto clero lusitano, incluindo os seus mais importantes bispos, encontraram na monarquia dual sob a tutela de Filipe II uma alternativa digna e feliz para a difícil situação do Portugal saído do desastre de Alcácer Quibir. Assim pensava também o muito influente arcebispo de Braga, o famoso dominicano Fr. Bartolomeu dos Mártires.⁶

A nossa história de porcelanas chinesas, reis, bispos e papas inicia-se quase estranhamente aqui, começando por estar obrigada a recordar panoramicamente essa



INTER-ARTS DIALOGUE AND MACAO



Nesta e nas páginas seguintes, diferentes aspectos da produção de porcelana. Pinturas da dinastia Qing.

figura maior da reforma da Igreja católica no século XVI que foi o piedoso arcebispo de Braga. Nascido em Lisboa, em 1514, falecido no convento de Santa Cruz, em Viana do Castelo (ao tempo, Viana da Foz do Lima), a 16 de Julho de 1590, o dominicano Frei Bartolomeu Fernandes dos Mártires foi tanto um referencial arcebispo de Braga quanto figura relevante na conclusão do Concílio de Trento, marco maior na estruturação

doutrinária e pastoral da Contra Reforma Católica. A biografia deste arcebispo reformador é conhecida nos seus elementos fundamentais, destacando-se a sua actividade docente em Lisboa e Évora, a sua posição de preceptor de D. António, Prior do Crato, as suas várias publicações e, sobretudo, o seu papel dinamizador da visita e reforma do grande arcebispado de Braga, dirigido pelo dominicano desde 1558-1559 até à

DIÁLOGO INTER-ARTES E MACAU

sua resignação, formalizada em 1582. A participação de Fr. Bartolomeu dos Mártires nas sessões finais do Concílio de Trento, entre 1562 e 1563, foi marcada por abundante intervenção, incluindo a apresentação de 268 petições, influenciando o desenvolvimento dos debates e de algumas decisivas formulações doutrinárias na ordem da Contra-Reforma Católica e das suas respostas à difusão dos Protestantismos na Europa central e do norte.⁷

Em 1563, Fr. Bartolomeu dos Mártires encontrou-se interessadamente em Roma com o Papa Pio IV, parente muito mais do que afastado da poderosa família florentina dos Medici. Giovanni Angelo Medici, de seu nome, foi eleito papa aos 60 anos, nos finais de Dezembro de 1559, sentando-se no trono de S. Pedro na Epifania do ano seguinte. Ao contrário do seu antecessor, Paulo IV, o novo sumo pontífice decidiu também associar-se ao poder imperial espanhol, procurando em Filipe II o seu mais importante aliado nesse objectivo central de concluir e, depois, disseminar a reforma tridentina da orbe católica. Assim, em 1564, quando Pio IV conseguiu finalmente publicar os decretos de Trento e impor a todos os bispos católicos a *Professio fidei Tridentini*, o apoio político e religioso de Filipe II acabaria por se tornar verdadeiramente decisivo no sucesso da difusão das doutrinas e normas conciliares. Este reforço do reconhecimento do poder papal permitiu também a Pio IV desenvolver vários dos investimentos culturais que encerraram o programa progressivamente mais barroco do urbanismo e da arquitectura do Vaticano, transformado definitivamente em centro universal do mundo católico. Entre a colecção de obras fomentada ou concluída pelo novo papa destacava-se a ‘Casina’ dos Jardins do Vaticano que, iniciada pelo seu antecessor e mobilizando as competências do arquitecto Pirro Ligurio, procurava concretizar um programa iconográfico inspirado pelo famoso sobrinho do pontífice, o cardeal Carlo Borromeo.⁸ Secretário papal e figura fundamental das últimas sessões do concílio, é precisamente Carlo Borromeo quem acolheu Fr. Bartolomeu dos Mártires após a sua chegada a Trento, a 18 de Maio de 1561, depois de demorados 56 dias de viagem desde a cidade de Braga.⁹ A humildade, pobreza, virtudes e competências teológicas do arcebispo de Braga acabariam por deixar uma impressiva marca em Carlo Borromeo¹⁰ e entre os participantes do Concílio, acabando também por ecoar forte nos meios da cúria papal. A 29 de Setembro

de 1563, aproveitando uma derradeira pausa nos trabalhos conciliares, Fr. Bartolomeu dos Mártires chegou a Roma, fixando-se na cidade durante cerca de três semanas ocupadas entre visitas aos lugares santos e vários encontros com o papa e a sua corte.

Reforma religiosa e aparato cultural parece terem precisamente dominado a comunicação entre Pio IV e o então já famoso religioso dominicano português. Num dos seus encontros, o sumo pontífice convidou o dominicano português a visitar os jardins do Vaticano e a admirar a sua ‘Casina’. Este passeio comparece recordado na forma de um diálogo edificante na crónica biográfica do arcebispo escrita por Fr. Luís de Sousa e organizada por Fr. Luís de Cácegas, narrando arranjadamente este debate verdadeiramente didáctico introduzido pelo próprio Papa:

“Levou-o um dia consigo passeando até ao jardim famoso dos Papas, que chamam Belveder, e mostrando-lhe as obras que se iam fazendo, disse-lhe sorrindo, como quem lhe sabia já o humor, porque não fazia lá na sua Braga uns paços como aqueles.

– Santíssimo Padre – respondeu o Arcebispo –, não é de minha condição ocupar-me em edifícios que o tempo gasta.

Não ignorava o papa que havia de ser esta a resposta; e contudo tornou a instar e disse:

– Pois que vos parece destas minhas obras?

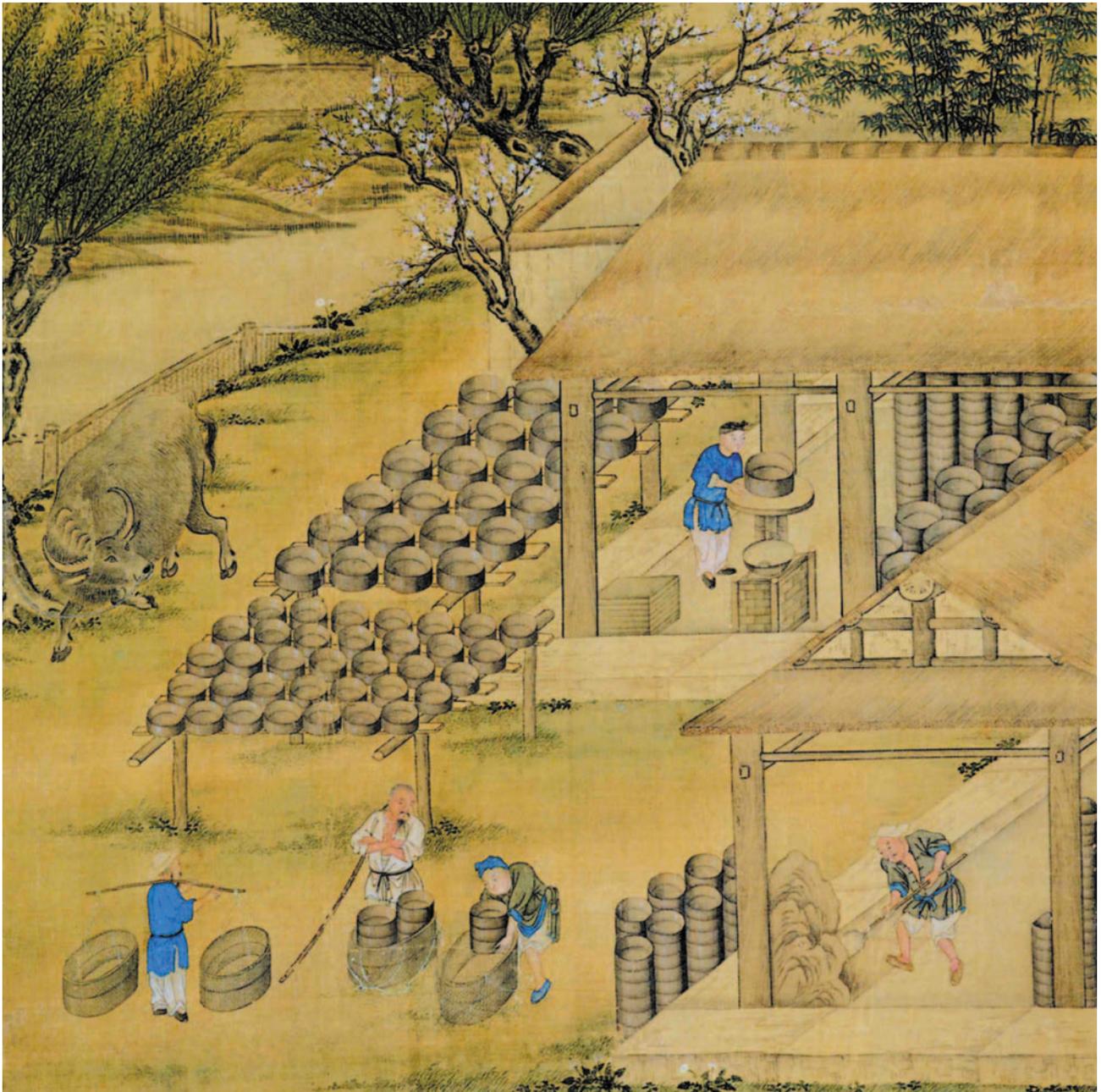
Então, com maior energia, respondeu:

– O que me parece, Santíssimo Padre, é que não devia curar Vossa Santidade de fábricas que cedo ou tarde hão de acabar e cair. E o que digo delas é que, de tudo isto, pouco e muito pouco, e nada; e do edificio temporal das igrejas seja mais do que se faz; mas no espiritual, aí sim, que é razão ponha Vossa Santidade toda a força e meta todo o cabedal de seus poderes.

E por não ficar com escrúpulo de dizer pouco onde via despesa grossa e mal empregada, foi carregando a mão e ajuntando razões, às quais o Papa com a sua brandura acudiu com estas palavras:

– Pois que há-de ser? Quereis que deixemos a obra imperfeita? Eu, na verdade, não fui autor dela, que não sou amigo de gastar dinheiro em vaidades; achei-a começada, folgarei de a acabar, que também não tenho outros passatempos em que me ocupe”.¹¹

INTER-ARTS DIALOGUE AND MACAO



Na verdade, entre os muitos “passatempos” de Pio IV sempre se contava o investimento em todas as manifestações de aparato da corte papal, incluindo a magnificência das suas recepções, enformando um processo cultural tão elitário quanto elevado que se afigura complementar a centralização política e mesmo financeira do papado sem a qual é mais difícil entender a conclusão e imposição das decisões do arrastado Concílio de Trento. Apesar da sua profunda

hostilidade ao aparato e ao luxo excessivos que haviam invadido já a sociedade de corte papal já muitas das grandes dioceses católicas europeias, Fr. Bartolomeu dos Mártires não conseguiu esquivar-se a acompanhar um banquete oferecido em sua honra por Pio IV, reunindo a elite clerical do Vaticano em que se destacava o seu sobrinho Carlo Borromeo e o Cardeal Ghislieri, futuro S. Pio V, admiradores da palavra e exemplo do nosso dominicano. O cronista maior da vida e

DIÁLOGO INTER-ARTES E MACAU

obra do arcebispo português fixou este episódio no capítulo 24 da sua biografia – “Das honras que o Papa fazia ao Arcebispo e de outra advertência que o Bispo lhe fez” –, destacando mais uma memória exemplar da intervenção do dominicano junto da corte papal marcada pela prioridade da reforma, da humildade e da espiritualidade. Assim, durante o muito luxuoso jantar oferecido por Pio IV, somando à requintada culinária e às muitas baixelas de fina prata “um fermoso vaso dourado que veio à mesa”, o arcebispo de Braga terá aproveitado criticamente o momento para agitar esta ‘alternativa’ da mais estranha e longínqua humildade vinda da China através dos esforços mercantis lusos:

“Temos em Portugal um género de baixela que, com ser de barro, se avantajava tanto à prata em graça e limpeza que aconselhava eu a todos os príncipes (se um pobre frade pode fiar de si dar conselho) que não usaram outro serviço e desterraram de suas mesas a prata. Chamamos-lhe em Portugal porcelanas, vêm da Índia, fazem-se na China. É o barro tão fino e transparente que as brancas deixam atrás os cristais e alabastros, e as que são variadas de azul enleam os olhos representando uma composição de alabastros e safiras. O que têm de quebradiço recompensam com a barateza. Podem-se estimar dos maiores príncipes por delícia e curiosidade, e por tal se têm em Portugal.

Não passou por alto ao Papa o tiro do Arcebispo e bem notou onde apontava com a tenção; e, dissimulando, disse-lhe que tivesse lembrança quando se visse em Portugal de dizer ao cardeal Infante, seu amigo, lhe mandasse destas porcelanas que, como as tivesse, daria de mão a prata”.¹²

Fr. Bartolomeu dos Mártires acabaria por contar esta história ao embaixador de Portugal em Roma D. Álvaro de Castro que, refinado cortesão e experimentado diplomata, a comunicou ao poderoso cardeal infante D. Henrique. Passadas algumas semanas o papa recebia em Roma uma generosa oferta de porcelanas chinesas que instalou à sua mesa e nas dos seus cardeais.¹³ Caso creditemos factualmente o episódio sobretudo exemplar transmitido pela arranjada prosa apologética de Fr. Luís de Sousa, dever-se-ia passar a responsabilizar a atenção crítica do dominicano português pela difusão da porcelana chinesa entre os ricos meios papais romanos. Em termos rigorosos, sabe-se que a produção de porcelana da China ganhou o gosto dos meios áulicos

da península itálica precisamente na segunda metade de Quinhentos. A mais antiga peça de cerâmica chinesa documentada actualmente em Itália é uma taça azul e branca oferecida por D. João III ao legado papal Pompeo Zambecari, membro de uma nobre família bolonhesa, pelo que o presente régio se exhibe ainda hoje no ‘Museo Civico’ de Bolonha.¹⁴ Na verdade, sabemos ainda mais: é precisamente neste período que também alguns meios artesanais italianos procuraram, como em Portugal e na Espanha, imitar as porcelanas Ming. Com efeito, entre 1575 e 1587, sob o patrocínio de Francisco I de Medici, o poderoso grão-duque da Toscana com fortes ligações à corte papal, uma fábrica albergada no *Casino de San Marco* tratou de produzir a partir do barro cópias muitas de porcelana chinesa. Sem grande sucesso. Incapaz de mobilizar fornecimentos de caulino, a porcelana mediciana não tinha nem a resistência nem a vidrada qualidade da produção industrial chinesa. Alimentou alguns presentes diplomáticos, seguindo padrões da *maiolica* e da ourivesaria renascentista, conhecendo-se precisamente algumas das ofertas que foram dirigidas a Filipe II com o seu braço.¹⁵ Herdeiro destes gostos e tentativas de imitação, Filipe III não deve ter ficado excessivamente entusiasmado na sua visita de 1619 com a mensagem mercantil do arco triunfal dos oleiros de Lisboa: o seu tesouro reunia tanto uma colecção abundante de rica porcelana chinesa quanto as suas ibéricas e italianas tentativas de imitação. Votadas ao insucesso comercial.

Em contraste com as primeiras tentativas de imitação europeia, a porcelana chinesa era sólida, resistente ao calor, fácil de lavar, impermeável, exibindo singular vidrado, sendo verdadeiramente única. A sua produção massiva, claramente industrial, situava-se sobretudo em Jingdezhen, reunindo mais de três mil fábricas, algumas dezenas de milhar de operários, assegurando a manufatura de milhões de peças por ano saídas de uma verdadeira “linha de montagem”, podendo uma única peça mobilizar a contribuição de 70 diferentes operários muito especializados. Antes de finais do século XVII, quando as tecnologias europeias começaram a conseguir imitar com maior proximidade os segredos da produção chinesa, as porcelanas importadas da China, primeiro com portuguesa intermediação, depois também com a participação do comércio da Companhia Holandesa das Índias Orientais e da animação dos circuitos mercantis entre Manila e Acapulco, tinham já conquistado as principais

INTER-ARTS DIALOGUE AND MACAO



cortes europeias. Apesar desta gigantesca produção industrial, a porcelana chinesa era também uma arte cuidada, refinada, belíssima, perseguindo mesmo em termos imagéticos a síntese iconográfica de muitas das lições que o tauísmo ensinara plurissecularmente em torno da harmonia da natureza. Por isso, a sua decoração telúrica e naturalista, simples e floral, paisagística e simbólica não embaraçava geralmente os valores religiosos e morais do mundo cristão

europeu, assim facilitando a sua aceitação e difusão, escorando um lucrativo comércio que, no século XVI, foi principalmente sustentado pela circulação comercial portuguesa no Sul da China.

Os mercadores lusos na Ásia mais extrema foram, como se sabe, os primeiros a chegar a Cantão, em 1513, a circular depois entre contrabando e aventura nas muitas ínsulas do Sul da China até se conseguirem instalar na península de Macau, entre 1555 e 1557.

DIÁLOGO INTER-ARTES E MACAU

Embarcações e mercadores fixados nestes circuitos passaram a carregar muitos milhares de toneladas de porcelana chinesa que servia tanto de produto comercial como, pela sua excessiva abundância, de lastro dos navios. A presença comercial portuguesa animou tanto trocas intra-asiáticas quanto os tratos mais longínquos que se dirigiam aos mercados europeus. Para se perceber a dimensão deste comércio, recorde-se apenas pelo seu sentido paradigmático essa célebre captura da lusa embarcação Santa Catarina, em 1614, permitindo aos comerciantes holandeses resgatar mais de cem mil peças de porcelana que foram vendidas para várias direcções elitárias europeias, incluindo as cortes de Henrique IV da França e de Jaime I de Inglaterra, multiplicando excitadamente o gosto dos grandes da Europa pela fina porcelana chinesa.¹⁶ Estimativas panorâmicas, mas prudentes, calcularam mesmo que, entre 1604 e 1657, mais de três milhões de peças de porcelana chinesa invadiram a Europa.¹⁷ Infelizmente, neste período, o predomínio da intermediação comercial portuguesa para a Europa nos mares do Sul da China e do Sudeste Asiático tinha definitivamente definhado face às concorrências dessas outras potências comerciais europeias, muito mais “capitalistas” e rendidas aos protestantismos.

Seja como for, a “descoberta” europeia da porcelana chinesa é, ao longo do século XVI, uma outra aventura lusitana. Assim como as suas primeiras descrições. Na verdade, devemos a um outro dominicano contemporâneo de Fr. Bartolomeu dos Mártires, o missionário Fr. Gaspar da Cruz, uma das primeiras memórias europeias informadas sobre produção de porcelana chinesa, procurando ultrapassar com vantagem muitas das ideias erradas que circulavam ainda entre os mercadores portugueses instalados entre os tratos asiáticos. Com efeito, no seu famoso *Tratado das Cousas da China*, dedicado a D. Sebastião, editado em 1569 em prelos eborenses, esse outro dominicano luso esclarecia que, na China,

“há muita porcelana grossa e outra muito fina, e a alguma que não é lícito vender-se comumente, porque só usam dela os regedores por ser vermelha e verde, e dourada e amarela: vende-se alguma desta e muito pouca e muito escondida. E porque há muitas opiniões entre os portugueses que não entraram na China sobre onde se faz a porcelana e acerca do material de que se faz, dizendo uns que de cascas de ostras, outros que de esterco de

muito tempo podre, por não serem informados da verdade, parece-me conveniente cousa dizer aqui o material de que se faz conforme à verdade dita pelos que o viram. O material da porcelana é uma pedra branca e mole, e alguma é vermelha, que não é tão fina, ou para melhor dizer, é um barro rijo, o qual depois de bem pisado e moido e deitado em tanques de água, os quais eles têm muito bem feitos de pedra de cantaria, e alguns engessados, e são muito limpos, e depois de bem envolto na água, da nata que fica de cima fazem as porcelanas muito finas: e assim quanto mais abaixo, tanto são mais grossas, e da borra do barro fazem umas muito grossas e baixas de que se serve a gente pobre da China, fazem-nas primeiro deste barro, da maneira que os oleiros fazem outra qualquer louça, depois de feitas as enxugam ao sol, depois de enxutas lhe põem a pintura que querem de tinta de anil que é tão fina como se vê: depois de enxutas estas pinturas, põem-lhe o vidro, e vidradas cozem-nas”.¹⁸

Não sabemos se alguma vez o nosso muito piedoso Fr. Bartolomeu dos Mártires teve oportunidade de ler com atenção a obra pioneira de Fr. Gaspar da Cruz sobre essas muitas ‘coisas’ da China. Seja como for, o tratado deste outro dominicano deve ter constituído fonte e leitura importante tanto para mobilizar os gostos de príncipes pela porcelana chinesa quanto para suscitar as primeiras tentativas de imitação europeia da rica e industriosa arte Ming. O diálogo entre Fr. Bartolomeu dos Mártires e o papa Pio IV, mesmo cuidadosamente arranjado pela pena edificante de Fr. Luís de Sousa, tem o estranho valor de uma lição firmemente ancorada ao tempo e aos espaços da história que não autorizam os exercícios do anacronismo: a esmerada porcelana Ming que, hoje, é um objecto raro e dispendioso de colecção e museu parece ter invadido a Europa dos poderosos seculares e religiosos também enquanto um exemplo de indústria, trabalho e, quase estranhamente, de humildade. Afigura-se quase paradoxal que esses pratos Ming actualmente tão raros quanto venerados pudessem algum dia ter ajudado um arcebispo dominicano de Braga a ensinar a ‘dieta’ da humildade – ou estaria o nosso Fr. Bartolomeu dos Mártires a exornar sobretudo essa outra ‘indústria’ lusitana que havia cerzido economias e culturas nos idos de Quinhentos até as vazar na própria mesa dos grandes da Europa? **RC**

INTER-ARTS DIALOGUE AND MACAO

NOTAS

- 1 João Baptista Lavanha, *Viage de la Catholica Real Magestad de Rei D. Filipe III N. S. al reino de Portugal y Relación del solene recebimiento que él se le hizo*. Madrid: Thomas Junti, 1622. Recorde-se que João Baptista Lavanha (1550/55-1624) era natural de Lisboa, oriundo de famílias de cristãos-novos, tendo-se destacado como professor de matemática de D. Sebastião. A partir de 1582, Filipe II entregou-lhe a gestão da cosmografia, geografia e topografia dos seus domínios ibéricos, elevando-o a professor de Matemática da Academia de Madrid, sendo depois nomeado, sucessivamente, engenheiro do reino de Portugal, em 1586, cosmógrafo-mor, em 1591, e cronista-mor, em 1618. Professor de Matemática do próprio Filipe III, entre a sua vasta obra destaca-se a edição da *IV Década da Asia*, de João de Barros, em 1615, publicações náuticas, estudos sobre a barra do Tejo e o abastecimento de água a Lisboa, para além de importante produção cartográfica. A sua crónica da visita a Portugal de Filipe III, em 1619, representa o seu mais precioso livro associando à prosa cuidada um extraordinário aparato de gravuras, concretizando obra rara, fina e extremamente dispendiosa, directamente encomendada e financiada pelo monarca filipino.
- 2 Eduardo Faria de Oliveira, *Elementos para a História do Município de Lisboa*, Parte I, Tomo II, Lisboa: Tipografia Universal, 1887, pp. 460-488 descreve pormenorizadamente a visita triunfal, mas também muito popular, de Filipe III a Lisboa, em 1619. Veja-se também Fernanda Olival, *D. Filipe II*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2008, pp. 277-317.
- 3 Citado por Robert Finlay, “The Pilgrim Art: The Culture of Porcelain in World History”, in *Journal of World History*, 9 (2), 1998, pp. 141-187.
- 4 Jean-Paul Desroches, “A porcelana chinesa no tempo dos Descobrimentos”, in Jean-Paul Desroches, Rui Manuel Loureiro e Maria Antónia Pinto de Matos (eds.), *Azul e Branco da China. Porcelana ao Tempo dos Descobrimentos. Coleção Amaral Cabral*. Lisboa: Ministério da Cultura/Instituto Português dos Museus/Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 1997, p. 9.
- 5 Fr. Amador Arrais, *Diálogos de D. Frei Amador Arrais, Bispo de Portalegre*, ed. de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão Eds., 1974, p. 312.
- 6 É esta a opinião fundamentada e documentada de Jorge de Sena, *Trinta Anos de Camões*. Lisboa: Ed. 70, 1980, p. 51. Na segunda metade do século XIX, a imprensa católica de Braga dividiu-se em relação ao ‘patriotismo’ de Frei Bartolomeu dos Mártires, sendo possível coligir uma demorada coleção de opiniões criticando o célebre arcebispo pelo seu preclaro apoio a Filipe II, tema estudado detalhadamente em J. Pinharanda Gomes, “A grande refrega sobre o patriotismo de D. Frei Bartolomeu dos Mártires”. Separata de *Humanística e Teologia*, vol. 11 (3), 1990.
- 7 Interessa rememorar que o concílio reunido em Trento, no norte de Itália, havia sido originalmente convocado pelo papa Paulo III, a 13 de Dezembro de 1545. Identificam-se vinte e cinco sessões conciliares estendendo-se ao longo de dezoito anos pelos pontificados de Júlio III, Marcelo II, Paulo IV e Pio IV, derradeiro responsável pela definitiva conclusão do Concílio, já no final de 1563, e pela difusão da bula papal confirmando, desde 7 de Fevereiro de 1564, as grandes decisões tridentinas de Reforma da Igreja Católica.
- 8 Maria Losito, *La Casina Pio IV in Vaticano*. Vaticano: Pontificia Accademia delle Scienze, 2005; Graham Smith, *The Casino of Pius IV*. Princeton: Princeton University Press, 1977.
- 9 “Itinerarium Fratris Bartholomaei, Archiepiscopi Bracharensis, qui profectus est in Concilium Tridentinum, et egressus est Brachara 24 Martii, in Vigilia Annuntiationis, Anno 1561”, in *Bracara Augusta* (Boletim Cultural da Câmara Municipal de Braga), vol. 42 (93), 1990, pp. 561-577; Maria José Azevedo Santos, “Itinerarium Fratris Bartholomaei, Archiepiscopi Bracharensis (1561-1564)”, in *Actas do Congresso Internacional do IV Centenário da Morte de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*. Fátima: Movimento Bartolomeano, 1994, pp. 311-339.
- 10 O cardeal Carlo Borromeo nasceu em Arona, em 1538, tendo falecido em 1584. A sua acção na conclusão do Concílio de Trento e, sobretudo, na profunda reforma religiosa e espiritual da grande diocese de Milão acabariam por lhe granjear fama de santidade, culminando com a sua canonização em 1610. Borromeo tornou-se admirador e protector de Fr. Bartolomeu dos Mártires como se investiga demoradamente em Raúl de Almeida Rolo, O. P. S., “Carlos Borromeu, discípulo e protector do bracarense Bartolomeu dos Mártires”, in *Bracara Augusta* (Boletim Cultural da Câmara Municipal de Braga), vol. 42 (93), 1990, p. 269.
- 11 Fr. Luís de Sousa, *A Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*. Edição G. Chaves de Melo e Aníbal Pinto de Castro. Lisboa: IN-CM, pp. 246-247.
- 12 *Ibidem*, pp. 256-257.
- 13 *Ibidem*, p. 257.
- 14 John Home, “A Ming Bowl at Bologna”, in *Transactions of the Oriental Ceramic Society 1935-1936*, vol. 13. Londres: The Shenval Press, 1936, pp. 30-31.
- 15 Marco Spallanzani, “Medici Porcelain in the Collection of the Last Grand-Duke”, in *The Burlington Magazine*, n.º 1046 (May 1990), p. 316-320.
- 16 T. Volker, *Porcelain and the Dutch East India Company: as Recorded in the Dagb-Registers of Batavia Castle, Those of Hirado and Deshima and Other Contemporary Papers, 1602-1682*. Leiden: E. J. Brill, 1971, p. 22.
- 17 *Ibidem*, p. 227.
- 18 Fr. Gaspar da Cruz. *Tratado em que se Contam Muito por Extenso as Cousas da China*, Macau: Museu Marítimo de Macau/IPIM, 1996 [Évora, 1569], pp. 72-73.